

No cincócentenário de "Os Sertões"

Apontamentos sôbre a arte poética de Euclides da Cunha

J. LEÃO BORGES
(Vitória, Espírito Santo)

Há cincoenta anos, no segundo semestre de 1902, foi a literatura brasileira enriquecida com o livro de estrea de um escritor fluminense, até então somente conhecido através dos jornais de São Paulo.

É provável que os primeiros exemplares desse livro tenham sido entregues ao público em outubro; já estava pronto este artigo, quando, ao ler o trabalho de Silvio Rabelo, "Euclides da Cunha", encontrei às páginas 215 e 216 uma informação interessante. "Euclides sugeriu o adiamento da venda" por causa das festas programadas para a chegada do Barão do Rio Branco a 1º de dezembro. Anteriormente já havia adiado a venda em virtude de ter encontrado oitenta erros de tipografia. "No auge do desespero, suspendeu a venda", conta-nos o biógrafo citado. Confrontando-se esses dados com os trechos das cartas de Euclides, é lícito concluir que seu livro já se encontrava impresso em outubro, porém só foi posto à venda em dezembro; com efeito, em carta ao seu amigo Francisco Escobar, datada de 3 de outubro, escrevia Euclides da Cunha:

"Parti logo para o Rio; lá conversei com o Laemert sôbre o livro que estará pronto ao fim deste". (1)
Porém, já a 19 do mesmo mês, por outra carta ao mesmo amigo, vê-se que a obra já estava então impressa:

"Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus "Sertões"; fui lê-lo com mais cuidado — e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar figa um erro, um acento impertinente, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente...

Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? — Vou escrever ao Laemert para reduzir quanto possível a

primeira edição, se houver tempo" (2).

Mas a verdade é que esse "pobre e estremecido livro" estava fadado a ser o maior acontecimento literário do meio século passado e, na opinião da maioria dos críticos e entendidos, o nosso maior livro.

Afranio Peixoto, em sua "Literatura Brasileira" insinua que, a mesma se divide em dois períodos: antes dos "Sertões" e depois dos "Sertões"; antes, imitação das letras estrangeiras; principalmente portuguesas e, depois de Euclides, literatura brasileira nacional, "literatura emancipada ou independente", como diz textualmente. (3)

Euclides terá sido, assim, uma espécie de Pedro I da nossa literatura; mas um Pedro I caboclo, e portanto brasileiroíssimo.

Livro que ainda há 25 anos empolgava a mocidade acadêmica do meu tempo, na Bahia, é natural que ele mereça meu despretenso preito de homenagem este ano, quando atinge, no seu cincócentenário, sua vigésima quarta edição.

Hoje, devido principalmente a fatores econômicos, a cultura literária da maioria dos jovens estudantes desceu bastante do nível de outrora; desceu tanto que veio esbarrar na leitura quase exclusiva das "Seleções do Reader's Digest", em cujas páginas muito bem impressas e ilustradas em ótimo papel, a prego módio, a tremenda propaganda mercantil yankee apresenta como "best-sellers" tudo que de mais medíocre aparece no país dos dólares; valendo das expressões de um próprio escritor norte-americano (J. Snyders), poderíamos dizer que ali se encontra "a sabedoria de entulho importada de Hollywood".

Inteiramente estranho à profissão de escritor, visto apenas, nesta minha croniqueta, uma finalidade: chamar a atenção dos homens de letras — escritores e principalmente poetas e professores de literatura — para um pormenor curioso dos "Sertões": a enorme quantidade de versos involuntários que se encontram em suas páginas.

Receio que venha repetir coisas já reveladas. Será que estou "descobrimdo a pólvora"? Confesso porém que nunca li referência ao assunto. Se algum crítico ou literato, que por acaso venha a ler estas linhas, tiver encontrado algures referência anterior a esse meu "achado", que me faça o favor de apontar a fonte de origem.

Bem sei que Coelho Neto chamou o livro de "poema épico" e Araripe Junior, "formidável" poema social". (4) Ambos acertam, sentiam um sentido poético no conjunto da obra, poesia essa que também, mais recentemente, Gilberto Freyre assinalou, chamando-lhe "um livro também de poesia" e, adiante: "Os Sertões foram, na verdade, o reino do poeta Euclides da Cunha". E em outro passo: "O poeta viu os sertões com um olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro". (5)

Entretanto nenhum desses autores citados nem outro qualquer dos que tenho lido, acidentalmente, nos intervalos dos afazeres profissionais, nenhum outro assinalou, que me conste, a existência de mais de mil e seiscentos versos, ou, para ser mais exato, mais de 1.600 fragmentos de prosa com ritmo e sonoridade de versos, no grande livro sôbre a "Campanha de Canudos".

No estudo do estilo euclideano, ninguém dissecou tantas minúcias como o grande mestre da arte de escrever e de estudar escritores que foi Afranio Peixoto, sucessor de Euclides na Academia Brasileira. Sua primorosa conferência "Dom e arte do estilo" (6) analisa magistralmente, palavra por palavra, a obra do estilista inconfundível que foi Euclides da Cunha. Porém tão pouco nesse trabalho se encontra referência à frequência com que Euclides versejou, sem querer, nas páginas dos "Sertões".

Aponta Afranio os "gerúndios que se alongam em sílabas harmoniosas" e o "ritmo de medidas opulentas dos seus longos períodos"; em outra conferência (7) diz que "a palavra havia de ser sonora e rara" e "tôdas aquelas qualidades dissimulavam de fato apenas o poeta"... "por amor de palavra sonora ou pela sedução de imagem brilhante"... e conclue: "de fato em Euclides da Cunha dominava o poeta".

Mas não cita, em nenhuma passagem, um verso desse poeta.

Teria sido proposital essa omissão? Será que tanto Afranio como outros entusiastas de Euclides procuravam silenciar sôbre esse pormenor por considerá-lo defeito?

Parece que foi Boileau (ou Albalat? ou Graça Aranha?) que em seus estudos sôbre a arte de escrever aconselhava os novos escritores a evitarem, na prosa, o ritmo, a musicalidade ou as rimas dos versos.

Nesse caso, ao pretender homenagear a memória de Euclides, eu estaria focalizando, como um legítimo "amigo da onça", em sua obra um vício de estilo. Paciência! Não foi essa a minha intenção. Eu acho admirável, incomparável a prosa dos "Sertões"; como eu, milhares e milhares de leitores, há cincoenta anos, lêem e relêem suas páginas imortais. E portanto, pelo menos no que toca a Euclides da Cunha, erraram redondamente, em sua teoria, Boileau, Albalat ou Graça Aranha. Mesmo recheados de versos, seus períodos são de uma beleza inimitável.

Ainda um outro ponto que me preocupa e me fez hesitar em trazer estas linhas à publicidade: serão mesmo versos todos os fragmentos que adiante se vão ler?

Como disse no começo, sou um desentendido em técnica literária sobretudo no que se refere à matéria. Garanto porém que se não são versos, são com toda a certeza "trases cantantes", na expressão de Aragon (8).

Daqui lanço meu apelo ao mestre no assunto, que é o Dr. Ciro Vieira da Cunha, para que me socorra com sua crítica esclarecedora, porém, por caridade, clemente.

E que me perdõe o leitor se não procurei, como devia, enfronhar-me antes nos segredos da arte de fazer versos a fim de poder classificar em alexandrinos, decassílabos, etc. os pedaços de poesia que se seguem.

Catei esses versos, respingando-os nas páginas queridas do "Os Sertões" com o mesmo carinho e entusiasmo com que Euclides, no alto sertão do nordeste da Bahia, no seio daquela "rude sociedade de vaqueiros", ouvia e anotava

"as rimas das trovas prediletas ao toar langoroso das tiranias de tropeiros felizes, sesteando".

Vejamos pois alguns exemplos escolhidos dentre cerca de 1.600 outros: os números das páginas referem-se à 12ª edição de "Os Sertões".

1) A maioria dos versos encontrados são os de dez sílabas (sem contar a última, átona), cujo modelo está nos Luziadas (porém já cinco soes eram passados)".

Exemplos:

a cruz resplandecente de Orion (287)
desde o primeiro alvor da antemanhã (538)
mais uma vez o drama temeroso (350)
à meia luz dos rápidos crepúsculos (284)
as catingas trançadas em abatizes (308)
serrotes empinando-se em redutos (308)
os arbustos mais altos e frondentes (308)
veredas rendilhadas de espinhos (316)
túmidos de água cristalina e fresca (337)
de listas vivas e botões fulgentes (378)
o silêncio das noites sertanejas (422)
o despertar de velhas ilusões (430)
um traço vivo de altivez selvagem (437)
ao róseo vivo dos rebentos novos (47)
quebra-se o encanto de ilusão belíssima (72)
descanta pelas frondes verdejantes (75)
ao toar merencório da cantiga (128)
rebrilham longas noites nas chapadas (135)
sôbre aquelas paragens infelizes (478)
seus raios rebrilham ofuscantes (478)
até ao fundo dos grotões mais fundos (495)
rolando transbordante, intransponível (510)
num mesmo afago carinhoso e ardente (502)

(Concluí na página 16)